



VII ENLIJE

USO DA FÁBULA NA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Autor: Rianny Cristine da Silveira

Orientador: Aluska Silva Carvalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – riannycristine@hotmail.com

Resumo: Um dos maiores problemas no que tange à educação básica é o desinteresse dos alunos na leitura e a dificuldade de manter-los motivados durante as aulas. O presente trabalho busca refletir sobre a experiência do Estágio em Literatura no Ensino Fundamental desenvolvida uma escola pública localizada na cidade de Mogeiro – PB. O estágio deve ser o momento em que os professores em formação possam perceber as reais necessidades da escola bem como refletir sobre a sua prática. Assim, já nesse processo de experiência, é necessário que o aluno-estagiário busque alternativas pedagógicas que visem garantir práticas leitoras mais prazerosas e atraentes no âmbito escolar. Dessa forma, esse trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde tomamos como ferramenta para nossas aulas o gênero fábula, e respaldamo-nos teoricamente em Cosson (2014), Souza, Feba (2011) sobre Letramento Literário; Souza (2004) no que tange às fábulas; sobre processo de ensino-aprendizagem em Antunes (2006). Metodologicamente, apoiamos-nos em Nizael, Josgrilberg (2015) acerca da leitura dramatizada, visando propiciar não só a apropriação do gênero, mas também aulas de literatura onde a fruição estética alia-se ao aprendizado. Os resultados comprovam que a utilização de técnicas de leitura auxilia nas aulas de literatura e transformam os alunos em participantes ativos no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Estágio de literatura, Fábulas, Leitura Dramatizada.

INTRODUÇÃO

A experiência docente trazida neste trabalho deu-se durante o Estágio Supervisionado de Literatura em uma escola pública de Mogeiro – PB, no ano de 2017. Não é novidade para ninguém que permeie o âmbito escolar os múltiplos desabafos de professores de todas as instâncias cerca das enormes dificuldades em trabalhar a literatura em sala de aula, dada a desmotivação do alunado. A cada ano, inúmeras pesquisas voltadas para a área de educação apontam que o desestímulo com a literatura é uma constante nas escolas. Por ser uma realidade, professores de todo o país buscam diferentes metodologias na tentativa de abrandar esse mal e fazer com que alunos olhem de maneira mais interessada para as aulas de literatura, desejando tornarem-se sujeitos ativos em tais aulas.

Segundo Berenblun (2009), as obras literárias nas escolas deixaram de ter um caráter lúdico e passaram a misturar-se, indevidamente, as suas especificidades com as dos livros

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

didáticos, enquadrando as obras, formatando-as, retirando o que de mais importante elas podem ter nesse espaço escolar: a fantasia, a imaginação. Ela diz que a ausência de uma política de formação de leitores acoplada à falta de informações aos professores, que podemos traduzir como a ausência de uma boa formação em letramento literário, podem ser também motivos geradores dessa problemática. “Justamente o que a leitura literária pode oferecer de possibilidade para a produção e atribuição de sentidos, pelos leitores, é o que “policia”, delimitando, pelas práticas pedagógicas, de forte teor escolarizado, os alcances dos vãos possíveis.” (BERENBLUM, 2009, p.21).

A autora fala-nos ainda sobre duas possíveis dimensões da leitura: “a fruitiva e a informativa”. Nesse sentido, nosso trabalho se justificou por almejar uma ampliação do letramento literário dos alunos, levando-os a terem um conhecimento eficaz acerca do gênero fábula a partir de um ensino dinamizado, gerando assim aulas mais prazerosas, onde as atividades que envolvessem a literatura fossem mais agradáveis e interessantes; uma vez que a literatura pode contribuir não apenas no sentido da aprendizagem de conteúdos, mas também na socialização, criatividade, entre outros aspectos.

Nossa proposta de intervenção e a escolha da fábula deram-se devido ao nível em que nos deparamos com a turma¹. Apesar de serem naquele momento uma turma de 7º ano, onde o ideal seria já uma plena utilização da linguagem, capacidade de realizar análises lingüísticas e uma razoável letramento literário. Quanto à leitura, alguns demonstravam dificuldades ao ler, e a maioria expressava descontentamento sempre que se deparavam com textos longos e de maior complexidade. Apenas alguns dos cerca de 20 alunos lia com a devida entonação e respeitando a pontuação.

Compreendemos que a utilização do gênero fábula seria excelente para o trabalho com essa turma, tendo em vista suas breves narrativas, além da atração comum que se dá entre crianças e jovens com histórias envolvendo animais. Respaldamo-nos em Portella (1979, p. 53 apud Souza 2004, p. 47):

A fábula é um tipo especial de narrativa. Toda narrativa, em geral, requer um drama. A palavra ‘drama’ deve ser aqui entendida no sentido de conflito ou ação conflituosa. A fábula é, então, ‘um drama em miniatura em que domina a unidade de lugar, de tempo e de ação’.

Com base em Cosson (2014), desenvolvemos uma sequência didática para 12 aulas, utilizando os quatro passos que ele propõe para uma sequência básica: motivação, introdução,

¹ Nível este constatado anteriormente, no estágio de Língua Portuguesa, realizado na mesma turma, no período 2017.1 (correspondente ao 6º período da graduação).





VII ENLIJE

leitura e interpretação. Tivemos como objetivo geral utilizar o gênero fábula, visando uma ampliação do letramento literário dos alunos de forma prazerosa e divertida; e como objetivos específicos: ampliar as competências leitoras dos alunos, conhecer/reconhecer e assimilar as características da fábula, promover a socialização, aumento da criatividade, capacidade de expressão oral e corporal, além do estímulo ao trabalho em equipe. Metodologicamente, utilizamos a leitura dramatizada como estratégia de leitura, além de exibição de um filme, atividade escrita e produção de um bilhete. Propusemos uma avaliação nos parâmetros orientados pelos documentos oficiais que regem o ensino no Brasil: processual, examinando a aprendizagem ao longo das atividades realizadas em sala de aula: participação, produções, comentários, apresentações, criações e trabalhos individuais e em grupos.

Ainda, enquanto aporte teórico, utilizamos Souza, Feba (2011) tratando sobre Letramento Literário; Souza (2004) acerca das fábulas; Antunes (2006), tratando sobre processo de ensino-aprendizagem, Nizael, Josgrilberg (2015) acerca da leitura dramatizada, entre outros estudiosos e pesquisadores do universo do letramento e do universo da literatura infantil.

AS FÁBULAS E A LITERATURA INFANTIL

A leitura, enquanto prática sociocultural, deve estar inserida em todas as esferas da vida do indivíduo, mesmo que estas não sejam escolarizadas. Mas, é geralmente na escola que o aluno vai ter um maior contato com textos literários. Cabe ao professor o papel imprescindível de reconhecer o nível da sua turma, suas peculiaridades, identificar suas dificuldades e selecionar os gêneros mais adequados ao horizonte de expectativas dos alunos, escolher textos e autores de qualidade para o trabalho da literatura.

Quando se pensa em literatura infantil, automaticamente os contos e as fábulas vêm à mente devido às narrativas mais leves, de menor complexidade, além da utilização do antropomorfismo, que atribui aos animais características próprias dos seres humanos como falar e pensar, causando imediato reconhecimento nas crianças e despertando o seu interesse.

Num retrospecto histórico, vemos que as fábulas surgiram a partir de narrativas orais que, com o advento da escrita, puderam ir se perpetuando e sendo transmitidas por mais tempo as gerações posteriores. O início da literatura destinada ao público infantil só surgiu muito depois, juntamente com o entendimento da criança como criança e não como adulto em miniatura, como traz-nos Souza (2004, p.57):





VII ENLIJE

O fim do regime feudal e o crescimento da burguesia geram, como uma de suas conseqüências, o reconhecimento da infância. E eis que, por isso, no meio do caminho da fábula, surge a literatura infantil. O casamento de fábula e literatura infantil, como veremos, é resultado de um namoro, não oficializado, de muitos séculos. E podemos dizer que o namoro não era oficial porque um dos elementos do casal simplesmente não tinha existência legítima e oficializada. O surgimento da literatura infantil é, como já dissemos, uma conseqüência do reconhecimento definitivo da infância como faixa etária diferente da do adulto, e isto só ocorre com a ascensão da burguesia. de animais como personagens.

Silveira *et al.* (2012), diz-nos que, com essa mudança de visão e com o reconhecimento da infância, “passou-se a aceitar o ‘divertimento’ como fazendo parte do livro, a fim de torná-lo mais atrativo para o público infantil”. Complementa mostrando que dessa forma, “pode-se surgir novas formas de literatura, privilegiando as histórias de animais, que se desenvolve nos séculos XVIII e XIX, amparando-se na imaginação.” (SILVEIRA *et al.* 2012).

Finalizando, Vera Teixeira Aguiar, da PUC-RS, no prefácio do livro “Leitura Literária na Escola” (2011), relata sobre como, no Brasil, Monteiro Lobato teve papel crucial na história da literatura infantil:

“No Brasil, as produções destinadas aos pequenos remontam ao final do século XIX e adquirem maioria com Monteiro Lobato, a partir da década de 1920. Com a teoria a crítica e a história são construções posteriores ao objeto (no caso, a literatura infantil), essas áreas só se desenvolveram nas últimas décadas do século XX.”

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Nossa sequência didática consistiu em 12 aulas de 45 minutos, duas por encontro. A proposta foi a seguinte, em cinco etapas principais: 1- Conhecer a fábula a partir da história “O Leão e o Ratinho”, produzindo em seguida bilhetes de agradecimento onde metade da turma seria “Leão” e metade “Ratinho” e, posteriormente, roda de conversa sobre as fábulas e suas características; 2- Realizar uma atividade escrita sobre a fábula “O direito do anzol”, de Sérgio Caparelli; 3- Realizar uma atividade em equipe sobre diversas fábulas: reconhecendo as características e apresentar aos colegas; 4- Apresentar, através da exibição de uma gravação feita em uma escola, a transformação de um texto em ação, ou seja, a dramatização da fábula “A Cigarra e a Formiga”; 5- Realizar a leitura dramatizada de três fábulas, utilizando máscaras dos animais como personagens.

Para melhor compreensão, explicaremos individualmente cada uma das etapas.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

Etapa 1 – Na etapa inicial seguindo a proposta de Cosson, tivemos a “Motivação” e a “Introdução”. Para o autor, a motivação pode ser por meio da leitura, da oralidade e da escrita, é o momento de motivar os alunos para o trabalho posterior e também situá-los acerca da(s) obra(s) e do(s) autor(es) que será(ão) utilizado(s)

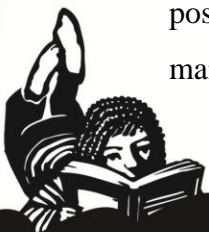
“Motivação é o núcleo de preparação do aluno para entrar no texto (encontro leitor e obra sem silenciá-los). A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais da construção da motivação” (COSSON, 2012, p. 55).

Antes de começar o trabalho com o gênero, expusemos aos alunos o que seria desenvolvido a partir daquele momento, esclarecendo que eles iriam lidar com o gênero fábula e com a leitura dramatizada, onde, no final das aulas do estágio, fariam a leitura dramatizada de algumas fábulas.

Para a motivação, abrimos roda de conversa com os alunos para que fossem aproximados do gênero. Fizemos perguntas do tipo: Vocês lembram o que é uma fábula? Conhecem alguma(s)? Normalmente, do que trata as fábulas?, Perguntas estas que foram respondidas com “Conhecemos, é aquela da cigarra e da formiga, né? Ativamos, nesse momento, a curiosidade e a percepção de que as próximas aulas teriam um diferencial: seriam mais divertidas.

Em seguida, fizemos leitura oral e depois coletiva da fábula “O Leão e o Ratinho” (Esopo), que estava fixada no quadro, escrita em cartolina. Falamos das características das fábulas, estrutura, elementos comuns. Os alunos iam participando e lembrando algumas fábulas que já tinham ouvido falar. Depois, para dinamizar, entregamos fichas coloridas aos alunos e dividimos a turma em duas metades para que produzissem supostos bilhetes de agradecimento do leão para o ratinho e vice-versa, por terem salvado a vida um do outro, remetendo à fábula trabalhada. Seguiu-se de leitura e troca de alguns bilhetes, momento engraçado e divertido.

Compreendendo a importância de um clima agradável e de afetividade na sala de aula, finalizamos entregando lembrancinhas (borrachas coloridas e com selo do tema da fábula do dia: “O leão e o ratinho”). Após essas aulas, já podíamos perceber que qualquer mudança de postura do professor para fugir, mesmo que não sempre, do ensino tradicional, torna a aula mais estimulante e rica, tendo em vista que a interatividade se faz presente.





VII ENLIJE

Etapa 2 – Nas aulas seguintes, levamos uma atividade sobre a fábula - “O direito do anzol”, de Sérgio Capparelli, retiradas do livro “30 fábulas contemporâneas para crianças” (2008). Lemos com eles e em seguida pedimos que respondessem a atividade, que consistia em 8 perguntas acerca do texto que acabaram de ler. Buscamos não fazer perguntas óbvias demais, que levassem o aluno a responder automaticamente, mas que pudesse causar reflexões acerca de valores sociais, gerar intertextualidades e potencializar a interpretação do texto.

Vale ressaltar que o objetivo do estágio de Literatura não é trabalhar visando Souza (2004, pg.79) diz.: “Quando o valor artístico da literatura infantil é reconhecido, a fábula, também, por sua vez ou, quem sabe, pela primeira vez, mesmo sendo um gênero didático, tem o seu perfil estético valorizado no espaço da arte literária.”

Finalizamos com uma roda de conversa: gostaram da fábula? O que acharam? Impressões? Comentários sobre a possível moral da fábula – houve? Qual foi? Lembraram de alguma outra? Deixamos os alunos à vontade para participarem e notamos que quase apenas dois alunos não quiseram participar desse momento. Dos 15 alunos presentes, apenas 2 não responderam a atividade proposta. Notamos que todos os alunos conseguiram responder com clareza as questões e compreender a proposta da fábula lida, que era tratar sobre diferenças e peculiaridades de cada um. O momento foi rico também por propiciar o surgimento de uma conversa pautada em valores, ética, moral, introduzida pelos próprios alunos que elencaram máximas do tipo: “Não podemos julgar os outros baseado em sua aparência”, ou “Não devemos basear nossa vida no que os outros pensam de nós”, beirando a uma espécie de momento filosófico interessantíssimo.

- **Etapa 3:** Nestas duas aulas, visamos uma sistematização dos conhecimentos acerca da fábula, além do trabalho em equipe. Dividimos os alunos em equipes e entregamos 3 fábulas diferentes, 1 por equipe, para que lessem, conversassem entre si, e depois apresentassem para a turma, indicando: tema, personagens, enredo, e o que eles entenderam pela moral da fábula lida. Nesse momento, optamos por três fábulas de Monteiro Lobato, sendo elas: Os animais e a Peste; O velho, o menino e a mulinha; e O Gato Vaidoso.

Ainda nos valendo de Souza (2014, p.140) para embasar nosso trabalho:

Assim era a literatura infantil de Lobato: possuía, sim, uma certa intenção de ensinar, mas o seu fim primeiro era a diversão e a exploração da imaginação. Os ensinamentos, ainda que estampados direta ou indiretamente no texto, seriam digeridos em tempo oportuno. Além disso, em toda a sua obra, Lobato opta por

(83) 3322 3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

escrever em prosa e sempre dava preferência ao que existia de mais nacional, sem ignorar o fator estético, que é o que a define como obra de arte.

Ao final, abrimos uma roda de conversa para que os alunos expusessem suas opiniões acerca das fábulas trabalhadas. Eles participaram ativamente da atividade e foi notório engajamento entre as equipes, embora nem todos quiseram falar na hora da apresentação. Cada equipe selecionou um representante para falar aos colegas as considerações do trio. Novamente a conversa com teor “filosófico” e questionando convenções sociais surgiu, se configurando em mais uma oportunidade de exercitar o senso crítico daqueles alunos.

- **Etapa 4:** Nessas duas aulas, exibimos uma gravação que tratava da dramatização de uma fábula, A Cigarra e a Formiga, sendo interpretada por alunos de uma escola². Tendo em vista que ao final do estágio os alunos fariam leituras dramatizadas de algumas fábulas, quisemos mostrá-los um pouco das características do teatro, tanto do seu texto quanto da transformação do texto em ação: a dramatização.

Iniciamos com uma roda de conversa sobre o que é teatro, se eles já tinham ouvido falar sobre, se já assistiram ou leram algum texto teatral, se conheciam alguma história contada em teatro, e tivemos a maioria das respostas negativas. Depois, entregamos folhas escritas para os alunos contendo, de forma sucinta, o que é o teatro, como são os textos adaptados para a dramatização, e um fragmento de um texto dramático infantil - a fábula “A aranha cartomante”, de Walmir Ayala.

Após a exibição do filme, que eles assistiram com bastante atenção, debatemos sobre o teatro e lemos, fazendo revezamentos, o texto, onde alguns alunos puderam fazer a leitura dramatizada das vozes das personagens, momento que demonstraram interesse e prazer. Jáamos sentido a assertividade quanto ao gênero escolhido e quanto aos textos até então trabalhados, correspondendo ao horizonte de expectativas dos alunos.

- **Etapa 5:** As últimas quatro aulas se destinaram a realização das leituras dramatizadas e encerramento. Acerca da leitura dramatizada, Nizael, Josgrilberg (2015):

Por acreditarmos que a leitura dramatizada pode despertar maior interesse nos jovens, por seu caráter dinâmico e de aproximação entre leitor e texto, uma vez que é o leitor quem dá voz e “verdade” a ele, apostamos na formação de leitores críticos, capazes de ler com profundidade, relacionando o texto ao seu contexto e à realidade.

² Youtube. Teatro: A cigarra e a formiga – 5º ANO c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mnK1ADnp5tY>>.





VII ENLIJE

Grazioli (2015) diz que a leitura dramatizada é como o “teatro da leitura”, é um tipo de leitura onde os alunos lêem em voz alta, dramatizando, fazendo performances tanto faciais quanto corporais, utilizando a entonação, narrando e representando as vozes das personagens.

Dividimos a turma em 3 equipes para que todos que quisessem pudessem participar das apresentações, sempre estimulando os alunos mais calados e quietos a se engajarem nas atividades. No primeiro dia, dividimos as equipes de apresentação para as duas primeiras fábulas: “A raposa e o macaco” (adaptação de Esopo) e “Corrida dos Sapos” (Monteiro Lobato). Entregamos os textos, as máscaras, e deixamos-lhes 15 minutos para leitura do texto. Em seguida, organizamos as cadeiras em forma de círculo para que os alunos pudessem ficar diante da turma e apresentaras fábulas. Da mesma forma nas últimas duas aulas, onde eles apresentaram a fábula “A formiguinha e a neve.”

Após as apresentações, encerramos o estágio com uma roda de conversa sobre as apresentações: como se sentiram? Gostaram? O que acharam das fábulas, a moral de cada uma delas, como era o texto que receberam, havia narrador? Voz para os personagens? Qual a sensação de ser um personagem?

Estes últimos momentos se configuraram, de fato, como o ápice de nosso trabalho. A efetivação da proposta deu-se à medida que: 1- apenas um aluno não quis participar das apresentações; 2- eles realizaram com visível satisfação a atividade das leituras dramatizadas, usando as máscaras das personagens, lendo com entonação, respeitando os tempos de fala no texto; 3- eles sistematizaram as características do gênero, apresentando-as na roda de conversa final; 4- eles revelaram o prazer em participar das atividades através de uma ficha para avaliar a estagiária e as aulas.

Encerramos, com satisfação, ao confirmar a pertinência de buscar propostas pedagógicas que visem, também, o deleite dos alunos quando se trata de literatura. Como agradecimento, eles receberam marcadores de textos e chocolates, e ainda houve o sorteio de um kit contendo livros literários, dicionário, canetas coloridas, lápis, apontador, lapiseira e uma caixinha de giz de cera colorido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa experiência mostrou-nos resultados muitíssimos satisfatórios, uma vez que a participação dos alunos foi quase total em todas elas, e que o prazer de ler “dramatizado”





VII ENLIJE

estava evidente nos rostos, ações e palavras de cada um deles. O trabalho com as fábulas e a estratégia de leitura utilizada resultou não só no conhecimento do gênero, mas também na ativação de várias habilidades, como a leitura, exercícios de entonação, respeito ao outro, trabalho em equipe, socialização, promovendo o nosso objetivo principal que era a motivação. Percebemos que conseguimos apresentar àqueles alunos o status de literatura enquanto arte, enquanto fruição anímica, e para isso não precisamos disassociá-la do seu caráter, naquele momento, também didático.

Na academia, somos orientados e preparados para aliar teoria e prática no fazer pedagógico da formação docente. Quando adentramos a sala de aula, sabíamos dos riscos de não conseguirmos atingir nossa proposta de aplicar aulas interativas e dinâmicas. Mas, no decorrer das atividades, percebemos que fomos felizes em nossas escolhas. Trabalhar a literatura enquanto prática prazerosa, não mecanicista, é um desafio, mas não impossível de realizar.

Acreditamos na Educação Básica e concluímos que o Estágio Supervisionado é a ponte principal para o professor conhecer a realidade da Escola pública e buscar, desde a academia, a realização de uma prática docente mais motivadora e eficaz, como cremos ter conseguido realizar durante a experiência aqui relatada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. A afetividade na escola: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006. 194p.

COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. Teatro infantil: história, leitura e propostas. 1. ed. Curitiba: Positivo, 2015.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA; Ilza Martins. Por que planejar? Como planejar? Currículo - área - aula. 22.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Vera Maria Tiezmann. Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura. 2.ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

SILVEIRA, Rosa Hesselet al. A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2012.

SOUZA, Loide Nascimento de. O processo estético de reescritura das fábulas por Monteiro Lobato. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, p.260. 2004. Disponível em: www.enlije.com.br





VII ENLIJE

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99160/souza_ln_me_assis.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 13 Março 2018.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. *Leitura Literária na Escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. São Paulo: Mercado da Letras, 2011.

Blog Universo das Fábulas. Último acesso em 16/10/2017. Disponível em: <<http://universodasfabulas.blogspot.com.br/2013/03/a-formiga-e-neve.html>>.

Youtube. Teatro: A cigarra e a formiga – 5º ANO c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mnK1ADnp5tY>>

